



Poesia em transe

Pig brother, de Ademir Assunção

Pedro Alegre*

Existe certa tradição na poesia, que remonta a Baudelaire, segundo a qual, no tumulto das ruas, e não em outro lugar, a literatura constrói o sentido de sua vocação. Pode-se dizer, inclusive, que tal impulso acontece apenas para que não se perca o nexos, muitas vezes esquecido, entre o que se escreve e o que se vive, isto é, o que há de autêntico entre a arte e a vida. O momento em que o poeta encontra sua linguagem no turbilhão das ruas evidencia dois fatos: o primeiro, que funda a literatura moderna, é a crise do lugar do poeta e de sua arte; o segundo, talvez bastante profundo, a crise da própria palavra, sua capacidade de conferir sentido às coisas. O que procura, então, imerso na vida cotidiana das grandes cidades, o poeta?

No Brasil, João do Rio, aquele que buscou revelar a alma encantadora das ruas, certa vez disse que se tem “todos os horrores e todas as delícias do mundo sentindo uma rua”. O poeta moderno, ao se ver no meio de uma metrópole mundial, entende profundamente os abalos que isso acarreta em sua linguagem. Desde o século XIX, a vida urbana das cidades suja a arte e a literatura de sua precária condição. Assim, ao publicar seus poemas em *Pig brother* (2015), Ademir Assunção retorna a esse lugar para principalmente nos lembrar dele. O que essa poesia teria a nos dizer? Talvez três

* Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

coisas: uma lição sobre a arte, outra sobre nossa vida atual e uma última que nos lembraria de que maneira arte e vida pertencem a um só movimento.

Se os poemas de Ademir Assunção compõem uma versão própria dentro dessa tradição que encontra diretamente na vivência das ruas o alimento autêntico da poesia, isso ocorre de maneira singular, tendo em vista a natureza contraditória dessa mesma tradição. Ao que parece, ela se constitui ao negar qualquer tradição possível, tanto em seu nível formal quanto, principalmente, em seu conteúdo. Trata-se, portanto, de uma tradição de escrita que aceita apenas a intensidade de uma experiência vivida na ferida exposta do mundo. A partir de um mergulho na realidade é que se pode pensar o poema, nunca a partir de modelos canônicos determinados pela cultura oficial.

Isso nos leva à primeira lição, que diz respeito àquilo que entendemos por literatura. No livro em questão, a vida tal como é percebida em sua vivência direta determina o arsenal do poeta. A poesia se faz na rua, nos instantes em que vivemos e que, na normalidade cotidiana, parece nos fugir. O poeta é vivente e observador, vítima e sujeito dos crimes e aturdimentos que, assim como nos jornais, preenchem nossa vida comum. Assim, o material que compõe a poesia não difere do impacto que presenciamos todos os dias. Ademir Assunção parece forjar uma poesia um pouco distante dos ideais estéticos (sem abandonar o poder de construção da linguagem), para melhor penetrar na cotidianidade caótica que é viver numa grande cidade brasileira. Uma poesia pensada como estética cede lugar a uma escrita delirante, sujeita aos caprichos e movimentos radicais da experiência que podemos colher ao vagarmos perdidos nas ruas do mundo. O poeta, como manda a boa tradição, é um ser errante,

de versos igualmente tortuosos, um andarilho cujo destino final (a própria existência) já se encontra ausente.

De que realidade tratam, então, os poemas de *Pig brother*? Talvez de uma muito próxima dos horrores de que falou João do Rio. Um mundo cujo curso acabou por gerar para os homens uma fragmentação infinita, pautada por sentimentos confusos de desespero, violência e aturdimento. A realidade se tornou expressão de uma vida irreal, em que o espetáculo organizado pelo modo de vida baseado nas formas econômicas do capitalismo industrial rendeu uma completa dissolução daquilo que entendemos por humano. Nosso senso do que é real se perde numa caótica rede de relações dispersas, ordenadas apenas pela dor de uma vida fantasmagórica nos ermos não localizáveis do mapa geral das cidades. A cartografia do desespero é a realidade em forma de golpes de sensações que, num mecanismo infinito, marcam nossa experiência fora do lugar e fora de nós mesmos. Dessa forma, a rua, como cenário, ultrapassa uma situação externa ao homem. O que temos, na verdade, é o delírio das massas humanas como objeto palpável ao olhar atento. Na rua não estão homens que passam, mas seus próprios desejos em convulsão.

Ademir Assunção trata, de maneira particular, não apenas do espetáculo que se tornou realidade, conduzido pelo mundo do consumo e da comunicação de massa, mas do espetáculo por trás do espetáculo, isto é, aquilo que gostaríamos de ignorar e que, no entanto, existe depois que desligamos os computadores e televisores, depois que o holofote se apaga e restam apenas as imagens vestidas de uma maquiagem borrada. Os bastidores do submundo, que são, surpreendentemente, a imagem de nosso próprio mundo.

Em poucas palavras, trata-se de um mundo aterrorizante e impregnado de violência. Saído, talvez, diretamente dos noticiários sensacionalistas, que têm por função definir nossa versão dos fatos,

e dos filmes norte-americanos de terror, ação e sexo. A surpresa é isso tudo, de repente, ter se tornado nossa visão cotidiana das coisas.

No poema “A espessura do olhar”, é possível identificar a qualidade que marca o mundo que o poeta procura registrar. O que se percebe de maneira traumática nas ruas da cidade é uma série desordenada de súplicas e gritos de dor, que, “entre ruínas de vozes, falas dispersas / algaravia nas vielas, / palavras não chegam a lugar algum”. O que se verifica, portanto, é todo o absurdo que a experiência diária se tornou, por debaixo dos escombros da normalidade. A poesia, nesse caso, aparece como uma

orgia de signos, alquimia verbal,
transes migratórios
e paisagens lisérgicas.

Os sentidos se dissolvem
ante a multiplicidade das imagens
refletidas nas paredes espelhadas.

Os olhos se fecham. Lábios se abrem
para o Beijo da Morte.

Durante a leitura do livro, é marcante a maneira como as imagens são alimentadas pela intensidade e, ao mesmo tempo, pelo efeito letárgico de uma abstração. Imagens fortes, impactantes, eventualmente se agrupam em emblemas abstratos que reforçam uma sensibilidade fantasmagórica presente na vida descrita. Os poemas, impregnados do início ao fim por imagens como “Lua Cadela”, “Cabine dos Espelhos”, “Dança das Facas”, “Noite Negrume”,

“Noite Neblina”, “Noite Drogada”, “Sol Negro”, “Sala das Bonecas Sodomitas”, “Deus Mercado”, imprimem a energia de um imaginário quase expressionista. Os personagens, tipos errantes que entram e saem da cena do espetáculo bizarro a que assistimos, também reforçam a ideia de que o impacto sombrio e delirante dos poemas tem essa ancestralidade revisitada. Sujeitos como “Lili Maconha”, “Mister Morfina”, “Nigromante”, “Mendigo Kamaiurá”, “Trapaceiro Divino”, “Black Ice” e “Coronel Tempestade Negra” se misturam entre os anônimos e subcelebridades da vida comum e da própria paisagem infernal que se revela a nossos olhos. Os personagens são pessoas sem face, fantasmas de si mesmas, saídas de uma fantástica e perversa realidade – feita de sonho e caos. Embora se pareçam com seres humanos, têm suas imagens perdidas na dispersão frenética de todas as coisas e se tornam breves aberrações ou marionetes entorpecidas.

Segundo afirmou Gerd Bornheim em seu livro *O sentido e a máscara*, um dos fundamentos do expressionismo é o “sentido impessoal da subjetividade”. Assim, sempre que se diz algo, abarca-se um universo além do individual; “o confessado não é de ninguém, o autobiográfico não tem rosto” (2007, 65). Nada mais interessante que ecos desse movimento retornem na poesia feita no século XXI, quando já não se pode falar de subjetividade ingenuamente e a forma do sujeito se sentiu definitivamente exposta diante das coisas. O mundo concentra, em sua exterioridade, a subjetividade fraturada e ambígua da qual parecemos ouvir gestos quando lemos os versos de Ademir Assunção. Seus personagens são intercambiáveis, não possuem uma face particular. Giram todos no caos dos acontecimentos e de infinitas sensações a que estão sujeitos no universo de hedonismo e violência sem limites. “Fala-se uma linguagem incompreensível nas

ruas”, alguém diz. E completa: “apenas sexo e crime fazem vibrar as cidades do Ocidente”.

O livro se divide em círculos infernais, assim como a *Comédia* de Dante. Todos os poemas sugerem a descrição desse lugar inóspito que não é senão nossa própria realidade cotidiana. Os homens andam como mortos pelo inferno. A poesia, nesse cenário, se sente mergulhada no delírio de um mundo no qual a única divindade a que se pode recorrer é o “Deus Mercado”, no meio de sua delirante compulsão sexual/econômica de orgias de lucros. O paraíso que podemos avistar é, na verdade, o nome de um shopping center, onde faremos nossa fé e pagaremos nosso dízimo para garantir uma promessa jamais proferida. Afinal, “não há epifanias / na paisagem de escombros”.

Trata-se de uma paisagem crua, de uma realidade radicalmente entregue à sua própria matéria em decomposição. Entre homens e coisas, tudo parece entorpecido. “Tudo é farelo. Tudo é névoa”. A desordem do mundo é governada pelo sem sentido da existência e o acaso age como um deus cego e embriagado. Numa passagem que nos faz pensar nas vibrações de Mallarmé, é possível perceber como a própria poesia assume as marcas da realidade e sucumbe ao transe verbal dessa experiência precária:

Não há ofensas pessoais nem gestos passionais
nos dados lançados ao acaso
no fundo de um naufrágio.
Apenas uma paisagem em frenético movimento
e árvores imóveis ante a falta de vento.

O excesso violento de imagens, o barroquismo de construções que não se furtam a alcançar o território do *kitsch* e a saturação

de elementos corriqueiros acabam por levar os poemas a uma zona de indistinção com a própria realidade. Do primeiro ao último verso, desenvolve-se a mesma dicção, como se tivéssemos diante dos olhos uma epopeia sobre o inferno contemporâneo. A poesia em transe assume as emoções humanas até o ponto em que já não conseguimos sentir mais nada – como, de resto, ocorre com todos de *Pig brother*.

Ademir Assunção se mistura temerariamente à matéria, de modo a alcançar o princípio segundo o qual é na vida que a poesia se funda. Se falamos de uma realidade delirante, a poesia penetra, a despeito de todos os riscos, no transe geral. *Pig brother* sacrifica a utopia de uma poesia pura para colocar em circulação uma experiência valiosa para a poesia que não se quer ingênua.

No mundo do capitalismo tardio, da publicidade e da guerra diária da grande mídia, a linguagem sofre abalos irreversíveis. “Há letreiros nas fachadas dos edifícios, / mas eles não dizem nada”. O poeta privilegia a linguagem cotidiana para enfrentar a realidade irreal que se nos apresenta: “sílabas e fonemas são apenas fantasmas, / sem significado algum”. Assim, expõe cruamente sua versão do século ainda nascente, mas já morto, através de “imagens desordenadas, histeria e delírio, / fúria de signos selvagens”. Tudo o que parece restar, e com o que temos que trabalhar na linguagem, é “caos & entretenimento”.

O teatro de horrores de *Pig brother* é uma imagem possível dos perigos que a palavra precisa correr para alcançar a si mesma, autenticamente. A melhor síntese desse processo talvez venha da boca de uma das marionetes de Ademir Assunção:

“Eis uma verdadeira poética do delírio”

– pensa Black Ice,

acariciando o gatilho com o dedo indicador.